

«Acordei pra vida sacudido pelo meu pai»

O alcoolismo é uma espécie de praga enraizada na nossa sociedade. Afeta cada vez mais jovens. Ouvimos dois testemunhos. Um deles deu a cara e explicou que só quando se sentiu no fundo do poço é que conseguiu ir procurar ajuda.

ALCOOLISMO

Carla Ribeiro

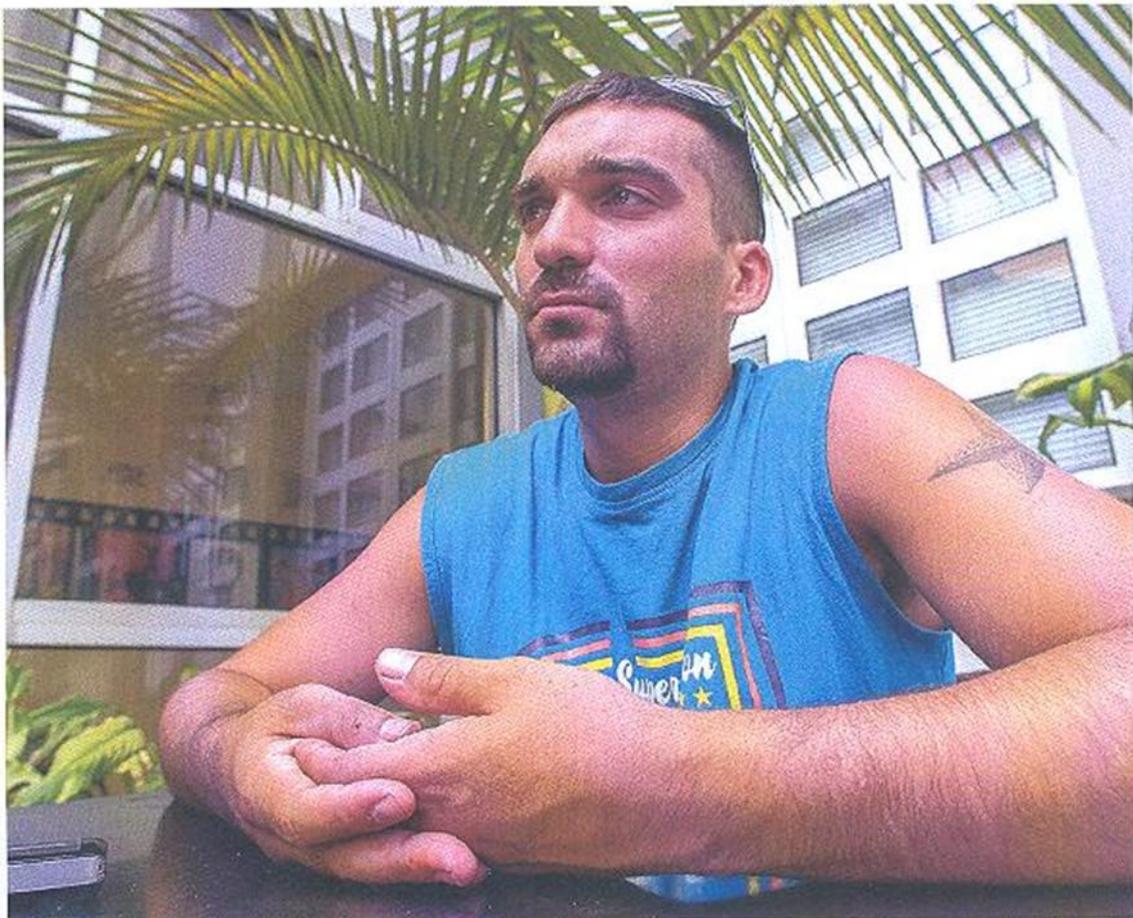
carlaribeiro@jm-madeira.pt

São 14h30. O átrio do Centro de Alcoologia São Ricardo Pampuri, na Casa de Saúde São João de Deus, está repleto de utentes. Espalham-se pelas mesas encostadas ao edifício que acolhe um limite máximo de 23 pessoas. Estes, na sua maioria homens, estão ali de livre vontade.

Só assim é que o tratamento - que tem uma média de 28 dias - pode vir a obter sucesso. Carlos Rodrigues, um jovem de 27 anos, natural do Garachico, passava, impacientemente, pelo corredor da instituição. À chegada da nossa equipa de reportagem, aproxima-se pois sabe que foi ele o mais novo dos utentes que aceitou falar ao JM sobre o seu problema de vida: o alcoolismo.

Carlos Rodrigues começou bem cedo nos copos. Diz que largou os estudos ainda menor. Por volta dos 16 anos, na casa de um avô, viu um garrafinho de aguardente encostado a um canto e a sua curiosidade, como a de tantos outros jovens, desafiou-o a provar. Ao primeiro gole, arrepiou-se com o sabor.

Mas depois, voltou a experimentar, naquela de que «se os adultos gostam, eu também tenho de gostar». Da aguardente, passou para a cerveja e até chegar ao vinho, foi um curto passo. Já na escola, chegou a ser expulso por estar alcoolizado mas foi depois de abandonar os estudos e se dedicar à fazenda, que o vício piorou. Como cont-



Carlos Rodrigues está, pela segunda vez, a fazer um tratamento contra o alcoolismo. Promete que é desta que larga o vício de vez.

panhia nos dias de labuta, havia sempre um garrafinho de vinho que se consumia rapidamente debaixo do calor e sob o efeito do suor provocado pela enxada.

Caminhava antes das 8 horas de casa e chegava por volta das 16 horas. Sempre bêbado. Havia dias em que a mãe já sentia

um torrencio quando o filho saía para trabalhar. «Ela já preferia que eu não fosse trabalhar, pois adivinhava que no meu regresso, iria estar sempre bêbado. E deixava-me a dormir até de noite. Quando acordava, mal-disposto, não sentia vontade de jantar. Voltava para a cama com

a mesma ânsia que tinha acordado!».

Os dias foram passando. Os anos também. Até que, dez anos depois, Carlos Rodrigues já se sentia completamente preso ao álcool. Mal acordava, aquilo que lhe vinha à mente, nem era a natorada ou a tarefa diária,

como seja o trabalho que havia por fazer. Era, isso sim, a garrafa de vinho ou uma grade de cervejas. Tremia quando não bebia. Diz que chegava «a tripar». E que, por fim, já bebia 3 a 4 litros de vinho por dia.

Mas se não fosse o pai a chamar-lhe à razão, Carlos Ro- ➤



«Quem me atentava para beber álcool, está riscado da lista», diz Carlos Rodrigues.

drigues nunca teria admitido que precisava de ajuda. Foi o pai que recomendou tratamento para que o jovem, passados dez anos “agarrado” à tentação do álcool, pudesse fugir a esta praga. A namorada, também já cansada das constantes bebedeiras e cenas de pancadaria que daí advinham - Carlos Rodrigues emaranhou-se com um grupo

de homens, levou um soco e precisou de ser suturado num lábio - optou também por desafiar o jovem que agora luta contra o alcoolismo. «O meu pai e a minha namorada fizeram-me acordar para a vida», afirma. No entanto, até que se decidisse a procurar ajuda, esperou ter a certeza que tinha vontade para fazer tratamento.

A briga «entre amigos que aconteceu no arraial do Garachico também ajudou. Ninguém que esteja bêbado é boa pessoa. A gente acaba por arranjar confusão. Eu também não presto quando estou bêbado», assume.

É a segunda vez que Carlos Rodrigues tenta fugir ao alcoolismo. Numa primeira vez, diz

ter feito um tratamento na Casa de Saúde São João Deus (Trapiche) junto aos doentes mentais. Confessa que a sua abstinência não deu certo porque não estava no lugar certo. Agora, no espaço destinado mesmo às pessoas que querem recuperar daquele vício que «tem vindo a atacar muitos jovens e menos jovens», tudo «vai dar certo».

No dia em que a nossa equipa de reportagem esteve no Centro de Alconlogia São Ricardo Pamploni, ficámos a saber que Carlos Rodrigues já ali está, em tratamento, há mais de 15 dias. «Para ser sincero, é muito difícil ultrapassar este vício. Mas cá dentro, com a ajuda de todos, somos capazes. No entanto, não bastam os comprimidos e a ajuda

Gabriel José, em vias de entregar a carta de condução, explica o porquê dos exageros na bebida

«Com álcool, os problemas ficam mais simples»

Gabriel José (nome fictício), também de 27 anos de idade, foi outro testemunho que aceitou falar ao nosso jornal. Mas sem dar a cara.

Ainda assim, foi referindo que provou álcool pela primeira vez com apenas 15 anos.

Não foi no primeiro dia que gostou do sabor. Entretanto, foi tomando o gosto e, desde logo começou a beber com alguma

frequência.

Garante, contudo, que consegue ficar dias sem tocar nas bebidas alcoólicas, pelo que não se considera viciado nem tão pouco entende que precisa de ajuda para ultrapassar o problema. Refere que só exagera em festas, ou seja, em acontecimentos sociais. Gosta de bebidas com baixo teor de álcool mas também não desgosta da

queelas que «caem a doer, que hatem forte». «Bebo de tudo!», adianta, sorrindo.

Por causa dos exageros, está inibido de conduzir.

Aliás, hoje, precisamente no dia de hoje, vai entregar o seu documento e serão dois meses sem pegar no carro. Numa operação STOP, foi obrigado a soprar o balão. Além de lhe informarem que ficaria com a carta

“presa”, teve de pagar uma multa de 500 euros. O jovem em causa diz-se extremamente arrependido mas realça que as pessoas, quando estão com álcool não pensam nem nos perigos que correm nem nos perigos que oferecem com a sua condução.

«Foi uma lição de vida. Penso que não torna a acontecer», conta-nos.

Considerando que há cada vez mais jovens a «tomarem grandes bebedeiras», Gabriel José explica que, sob o efeito do álcool, «parece que os problemas desaparecem, ficamos mais fortes e nada nem ninguém nos consegue “parar”. Estamos sempre bem». Mas como se sabe, não é assim. Por isso, aconselha: «tomem com moderação!». JM

dos médicos, enfermeiros e psicólogos. É preciso muita força de vontade», acrescenta.

É que, conforme sublinha, «enquanto se está cá dentro, estantos protegidos». Não «há álcool dentro deste edifício e temos muito acompanhamento», diz. Depois «de estarmos lá fora, tem de ser tudo por cabeça nossa», acrescenta também.

RISCADO DA LISTA

Mas Carlos Rodrigues está mais seguro que nunca. «Há pessoas que eu considerava amigas. Mas depois de estar cá dentro, descobri que não são amigas. Aqueles que sabem que estamos com um problema com o álcool e que estão sempre a insistir para tomarmos uma cervejinha, então não são amigos. Eu quero estar junto daqueles que me vão dizer: Carlos, pago-te uma bebida. Mas só se tomares um sumo. E desses que eu preciso», refere-nos o jovem.

«Quem me atentava para eu beber, não são pessoas amigas e estão riscadas da lista», avisa.

«Não me importo que me chamem de "utariquinhas" ou o que for», assegura. Carlos Rodrigues, que admite também já ter estado metido no consumo de droga, acrescenta que «tudo isto é uma destruição total». Mas «vai para três anos que não toco em droga. O meu problema já não é nada disso. O meu problema, agora, é mesmo o álcool. Mas este também vai acabar», garante, para logo adiantar que, assim que chegar à rua, dentro de aproximadamente três semanas, vai procurar trabalho na "arte" que se gostou. «Faço biscates na pintura de casas. E quero dedicar-me a isto e fazer vida com a minha namorada», explica.

Neste momento, as únicas visitas que Carlos Rodrigues recebe são as dos pais. «Os meus pais estão muito felizes mas ficam de pé atrás quando digo que não bebo mais. Ainda um dia destes, esfreguei os dedos numa parede aqui do edifício. Ia de óculos de sol. Estou a tomar comprimidos. Uma pessoa anda meio "habada". Esfreguei os dedos e parece que andei à porrada. Eles já ficaram preocupados pensando que eu tinha conseguido tomar álcool cá dentro. Mas não é verdade. Isto é tudo muito controlado. Mas os meus pais, que já me viram tanta vez dizer que não bebo mais e que acabo sempre por cair no vício, estão com dificuldades em acreditar em mim. Eu percebo isso. Mas vou dar-lhes essa alegria», afirma.

Sobre o Centro de Alcoologia São Ricardo Pampuri, tece a melhor das opiniões. «Sou muito bem tratado. E até quando preciso de desabafar, estão sempre prontos. E só me cruzar com a psicóloga no corredor e dizer que preciso de ajuda e sou logo atendido», refere, enunciando também aqueles que tratam da higiene do edifício. No entanto, «quando de cá sair, não volto mais!».

O dia-a-dia dos utentes nesta instituição «é pacato». «Quando se acorda, temos a nossa higiene pessoal. Vimos para baixo (piso inferior aos dos dormitórios), tomamos o pequeno almoço e podemos circular e conviver com todos os outros que estão na mesma situação que nós. Há tempo para tudo. Depois temos todos os acompanhamentos de enfermagem e psicólogos e vamos tentando programar a nossa vida para um "Amanhã" melhor», refere também. JM

No ano de 2015

São Ricardo Pampuri "tratou" 274 utentes

O Centro de Alcoologia São Ricardo Pampuri diz que são satisfeitos todos os pedidos de pessoas que querem tratar-se do consumo de álcool.



Esta é a "casa" dos que querem "fugir" ao álcool.

O Centro de Alcoologia São Ricardo Pampuri registou, em 2015, o internamento de 274 utentes (91 por cento do sexo masculino). Aquele espaço tem capacidade para 23 pessoas e está, neste momento, cheio. Mas consegue dar sempre satisfação aos pedidos apresentados.

A média de idades dos utentes é de 41,42 anos. O problema é que a grande maioria que ali está, procura a ajuda já numa fase tardia, quando é muito difícil combater o vício já devidamente "instalado". Ainda assim, a taxa de eficácia do tratamento é de 85% (em relação ao número de pessoas que conseguem manter a abstinência à saída), 61,7%, ao fim dos seis meses sem consumo e de 99% depois disso.

Estes números foram avançados ao JM por Eduardo Lemos, diretor da Casa de Saúde São João de Deus (conhecida por Trapiche) e que também tutela o Centro de Alcoologia São Ri-

cardo Pampuri, a funcionar paredes meias com a primeira.

O Centro de Alcoologia não funciona sozinho e conta com parcerias com várias instituições.

PARCEIROS

O Serviço Regional de Saúde, a direção regional de Reinserção Social, a Associação Protectora dos Pobres, a Associação de Alcoólismo são algumas das entidades que desenvolvem um trabalho para, em conjunto com aquele centro de recuperação, tentarem conseguir tirar muitas pessoas da Madeira do vício do álcool. O consumo de álcool na Região é algo já muito enraizado e que tem vindo a tornar-se mais evidente nas camadas mais jovens. Tornou-se como que uma moda, tomar álcool. O vinho, a cerveja e a poncha são as bebidas que mais se consomem.

Ainda segundo dados da Casa de Saúde São João de Deus, a média de consumo diário de álcool daqueles que procuraram tratamento, era de 7,76 euros por pessoa. Em ganhos finan-

ceiros, poder-se-á dizer que são 780 mil euros que não foram consumidos num ano.

EQUIPAS DE RUA

Acrescente-se também, e isto é recente, que o Centro de Alcoologia São Ricardo Pampuri integra a equipa de rua da Associação Protectora dos Pobres e que acompanha os sem-abrigo. Uma ideia que partiu da Secretaria Regional da Inclusão e Assuntos Sociais, tutelada por Rubina Leal.

Como é sabido, muitos dos sem-abrigo tem problemas de alcoolismo e a ideia é trabalhar com estas pessoas, por forma a ver o que pode ser feito no sentido de estes serem demovidos deste consumo. Resultados práticos sobre esta medida, ainda não existem mas o certo é que decorrem já vários contactos com aqueles que fazem das ruas, o seu lar.

Sobre alcoolismo na Madeira, Eduardo Lemos diz que «é uma problemática» bastante grande e enraizada. JM



Jovens estão cada vez mais nas teias do álcool.

Nelson Carvalho pede a empresários e pais para também ajudarem

«Não há um fiscal em cada esquina»

Nelson Carvalho apela a empresários e pais para colaborar na luta contra o alcoolismo junto dos jovens.

Avenda e a cedência de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos estão proibidas há mais de um ano, mas os jovens têm conseguido contornar a lei. Muitos compram as bebidas nas lojas sem restrições e juntam-se a beber álcool nas ruas, outros pedem aos amigos mais velhos para comprar a bebida ao balcão.

Ainda assim, Nelson Carvalho, psicólogo e responsável pela Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências, recorda que a atual lei é muito melhor e que já se nota menos exageros.

A lei, como estava antes, permitia que os jovens, com idades entre os 16 e os 18 anos, bebessem cerveja ou vinho.

«Esta situação dava a ideia de que havia um álcool bom e um álcool mau. A cerveja e o vinho podiam ser bebidos à vontade, dando a ideia que eram saudáveis», explica. Sobre esta nova lei, se for cumprida, será muito benéfica.

Nelson Carvalho não concorda que esta lei seja um incentivo a

beber na rua, como defendem alguns empresários. Para o psicólogo, isso não é verdade. Adianta que «há empresários que não cumprem a lei».

«Quando vou abastecer o carro ou quando passo em alguns estabelecimentos, vejo que ainda há espaços com a lei antiga afixada na parede. O que faço é chamar a atenção», refere. Nelson Carvalho diz que não são apenas as autoridades a terem que trabalhar para evitar que os jovens consumam álcool. É preciso também que os próprios empresários colaborem. E os pais têm também uma palavra a dizer sobre esta matéria.

Crítico em relação à atitude de alguns empresários, o responsável pela Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências lamenta que muitos ainda não tenham percebido que, ao disponibilizarem álcool, estão a prejudicar a saúde e desenvolvimento dos jovens.

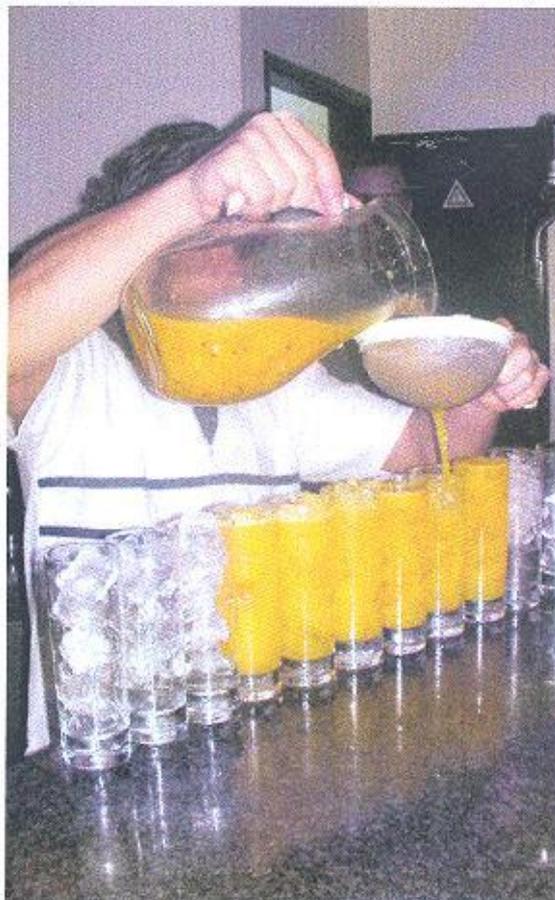
MENOS EXAGEROS

«Temos de ver isto numa pers-

petiva de saúde pública e não apenas numa perspectiva meramente economicista. Se trabalharmos todos em conjunto, estamos a trabalhar em prol da saúde dos nossos filhos», considera.

A Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências, que tem trabalhado em conjunto com diversas entidades, diz estar a notar que não tem havido tantos exageros como antes. «Durante este verão, temos feito várias campanhas e estamos a reparar que não há tanto jovem alcoolizado», refere, para logo adiantar que os arraiais estão a ser um teste nessa matéria. Nelson Carvalho aproveita a oportunidade para lembrar aos pais que têm de fazer um trabalho de sensibilização junto dos filhos. «Os empresários querem ganhar dinheiro. Sim. Mas os pais têm de avisar os filhos sobre o perigo. Todos nós temos que estar em união», afirma, garantindo que a fiscalização existe e está a ser feita.

Refira-se que a Unidade de Nel-



Nelson Carvalho nota menos exagero no consumo de álcool.

son Carvalho está a trabalhar com a PSP e a IRAE (Inspeção Regional das Atividades Económicas) para dar formação aos empresários, no sentido de também sensibilizá-los para a importância de evitarem vender ál-

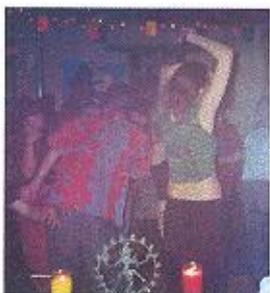
cool aos jovens. «Temos notado da parte de todas as entidades, inclusive GNR, um desempenho para que a lei se cumpra. Agora não podemos ter fiscais em todas as esquinas e em todos os bares», conclui. **JM**

Considerando que a atual é «claramente insuficiente»

Sociedade de Alcoologia quer mais fiscalização

A edição do último dia 1 de agosto do Jornal de Notícias (JN) traz declarações da Sociedade Portuguesa de Alcoologia e do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), que defendem mais fiscalização no consumo de álcool por parte dos jovens.

Augusto Pinto, presidente da Sociedade Portuguesa de Alcoologia considera que a fiscalização



é «claramente insuficiente», devendo ser incentivada por prestar um papel «preventivo» e não apenas punitivo.

«É difícil fazer a fiscalização, mas penso que pode fazer-se bastante mais», argumenta, por sua vez, o subdiretor do SICAD, Manuel Cardoso.

Mais do que punir os transgressores, o SICAD pretendeu, com este diploma, «passar a mensagem» do enorme risco para a

saúde dos menores.

Um ano é pouco tempo para uma mudança radical de atitude, sobretudo numa sociedade que olha para o consumo de álcool por jovens de forma condescendente, admitiu, na altura, Manuel Cardoso.

Os estudos revelam diminuição do consumo abaixo dos 16 anos. «Faz-nos pensar que a mensagem está a passar», frisa Manuel Cardoso. Os dados de 2015 apresen-

tam uma ligeira diminuição do consumo entre os 13 e os 17 anos, mas é preocupante que não haja redução nos jovens de 18 anos», alerta Augusto Pinto, para quem é indispensável intensificar a sensibilização.

«Podendo não ser suficientemente eficaz, a lei está a funcionar como alerta à população e terá alguma correlação com a redução de consumo antes dos 18 anos», acrescenta ainda. **JM**